

## A SITUAÇÃO DAS MULHERES INDÍGENAS EM RORAIMA

Mávera Teixeira dos Santos<sup>1</sup>, Maxim Repetto<sup>2</sup>

Resumo: O presente Trabalho de pesquisa fez parte do Projeto PIC/ AF e do programa de Educação Tutorial PET/ Intercultural desenvolvido na UFRR. Discutimos sobre a situação das Mulheres Indígenas de violência e discriminação que as mulheres sofrem ainda hoje, analisando o contexto histórico de tempos anteriores, para compreender o contexto em que vivem. Neste processo pudemos detectar diversas situações de violência e discriminação contra as mulheres indígenas, nas próprias comunidades, onde muitas vezes se encontram marginalizadas. Com esses estudos buscamos produzir material educativo, que possa dar visibilidade ao tema e em especial contribuir para a divulgação dessas problemáticas, valorização da mulher indígena no conjunto da sociedade. Assim levantamos alguns temas de reflexão: valorização da Mulher, o exercício de direitos e da cidadania, violência e discriminação, a situação das mulheres indígenas na comunidade, entre outros. O trabalho envolve levantamento bibliográfico, realização de entrevistas abertas e produção de material de divulgação científica.

Palavras Chave: Trabalho da mulher indígena, violência e discriminação contra a Mulher indígena, Estudos de gênero.

---

1 Estudante do Curso de Licenciatura/ Bacharelado em História - UFRR, Bolsista PET Intercultural.

2 Prof. Curso Licenciatura Intercultural do Instituto Insikiran / UFRR. Tutor PET Intercultural.

O presente trabalho de pesquisa discute a situação das mulheres indígenas em Roraima e tem como objetivo analisar a violência e a discriminação contra a mulher indígena no âmbito da comunidade indígena, o foco principal desta pesquisa está centrado na discriminação e violência que as indígenas sofrem na comunidade abordando a importância da mulher na família, e no meio cultural, para que possamos discutir sobre direitos que cada uma possui em meio a sociedade. Este estudo busca também experimentar novas metodologias para novas abordagens científicas sobre a vida da mulher indígena.

## OBJETIVO

Produzir material educativo que possa dar visibilidade ao tema e em especial, contribuir na divulgação das problemáticas e na valorização da mulher no conjunto da sociedade.

## METODOLOGIA

- Levantamento bibliográfico dos textos que fazem discussões sobre mulheres indígenas no centro de documentação- CEDOC / Insikiran-UFRR, discussão e leituras de textos juntamente com os membros do grupo PET/ Intercultural com a presença do orientador.
- Debates sobre o desenvolvimento do trabalho de pesquisa, viagem para a realização de entrevistas abertas nas comunidades indígenas com mulheres indígenas.
- Participação nas oficinas pedagógicas

## INTRODUÇÃO

A participação das mulheres indígenas na política em contextos de aldeias, por certo, remonta a tempos imemoriais. E, a sua importância política nas sociedades em que vivem podem ser percebidas em muitas circunstâncias, tanto nos estudos arqueológicos, etno- históricos e antropológicos. (SIMONIAN; 2001)

A autora trás uma ampla discussão sobre a importância da mulher indígena no cotidiano, nas conjunturas históricas e políticas em que a mulher sempre esteve presente. Lembramos, pois do processo de colonização do Rio Branco até os dias de hoje, as mudanças que ocorreram desde os séculos passados, nos faz refletir sobre o papel da mulher indígena. Nesse sentido refletiremos sobre estes processos em que as indígenas roraimenses fizeram e fazem parte desde tempos remotos.

Embora as referências e informes sobre a presença da mulher indígena nas regiões da Serra e do Lavrado roraimenses, e ainda sobre sua participação política no processo de organização dos povos indígenas são escassas, Simonian (1998) nos alerta de que as pesquisas arqueológicas sobre a área não tem privilegiado a mulher enquanto objeto de pesquisa, e segundo a autora os pedaços de cerâmica encontrado na região, pode- se inferir que as mulheres indígenas no mínimo eram muito trabalhadoras, o que por certo tinham implicações sócio- políticas e ideológicas. (p. 53).

Para Lourdes (2003) a mulher macuxi antes da conquista voltava- se para atividades da agricultura, produção de artesanatos, fazeres domésticos e a criação dos filhos. Já no período posterior à colonização, muitas mulheres indígenas foram vitimas de rapto e vendidas como escravas, outras por sua vez eram mantidas como domésticas nas fazendas de gado e internadas em patronatos.

Entre os séculos XIX e XX as mulheres sofreram uma exploração da mão de obra muito forte, principalmente dentro das fazendas, onde trabalhavam como domésticas sem salário e nenhum tipo de remuneração, acompanhavam seus maridos, que muitas vezes faziam trabalhos forçados, além disso, alguns fazendeiros junto com seus empregados invadiam diversas vezes as malocas Wapixanas e Aturaíu estuprando as mulheres e matando os índios. (Coleção histórica- antropológico N° 1. Centro de informação Diocese de Roraima. pg.28).

Está situação tende a mudar quando os povos indígenas com o inicio do processo de organização e discursão politica no final dos anos 60 tem como reivindicação a luta contra a exploração da mão de obra e invasão de gados em suas terras, ou seja, era o envolvimento dos homens indígenas nos assuntos referentes ao processo de resistência, não no sentido que não tinham uma resistência, mas no sentido de uma organização política. (GUILHERME; 2003).

Os tuxauas reuniam-se pela primeira vez, em 1968; as reuniões passaram a ser anuais, e em caráter de assembleia só em 1977.

Eram poucas mulheres indígenas que assistiam às assembleias, porém, sem direito a voz e voto. Só em 1996 que as mulheres indígenas puderam ter uma reunião própria, quando num encontro anual de catequistas puderam falar do que lhes afligia e traçar seus interesses de discussão; entre 1996 a 1998 realizam cinco encontros estatuais e com isso, publicamente, as mulheres indígenas passaram a ser reconhecidas enquanto agentes políticos. (EL-HUSNY; 2003, p. 28)

As mulheres indígenas em aspectos políticos, não tinham voz no sentido de não opinar nas reuniões, é visível a invisibilidade da mulher na política, que logo depois de 1990 passa exercer um papel significativo. Para Simonian (2001) o que caracteriza a organização política das mulheres indígenas foram às condições históricas e culturais, condições estas de exploração, dominação, violência que elas estavam sujeitas desde tempos remotos.

Tal situação possibilita que as mulheres indígenas a entrar no campo da política e assumir o protagonismo é a consolidação dos movimentos indígenas nos finais dos anos de 1980. Com essa institucionalização foram criadas diversas organizações étnicas de articuladas localmente e regionalmente. Já nos anos de 1990 com as mudanças na política indigenista e do Estado brasileiro, surgem inúmeras organizações, locais, regionais, com papéis e perfis diferentes (associações de categorias econômicas, organizações étnicas e também pluriétnicas de caráter político ou econômico). (ORTOLAN; 2012, p. 141)

Para a antropóloga Ortolan Matos (2012), a trajetória da mulher indígena no movimento se caracteriza com intencionalidades e significações diferenciadas, tanto por partes das agentes feministas como também dos líderes masculinos, ou seja, em décadas anteriores as organizações foram criadas com a intenção de fortalecer o movimento político “dos homens”. A autora em seu texto reflete os espaços femininos ocupados no movimento indígena, ora de complementação ora específicas, para compreender a dinâmica do protagonismo das mulheres indígenas nas esferas públicas das políticas indígenas e indigenistas.

Neste sentido percebemos uma ampla discussão de vários estudos tanto políticos e culturais voltados para a mulher indígena em Roraima não só como objeto de pesquisa, mas como interlocutora do próprio movimento histórico, o que possibilita essas pesquisas são os estudos de gênero que veem crescendo nos últimos anos.

Para Monagas (2006) que discute “gênero e povos indígenas” em um subtítulo da sua tese de doutorado, a participação das mulheres em cargos comunitários e sua inserção em atividades organizativas levou a discussão sobre seu posicionamento no interior de seus povos. Além disso, o fato de elas ocuparem posições anteriormente dadas como prerrogativas masculinas de intermediação com o universo não indígena conduz o debate a cerca das concepções do masculino e feminino dos âmbitos públicos e privados. (p. 26)

Conforme a autora as diversas etnografias sobre os povos indígenas davam maior ênfase nos assuntos relacionados ao mundo masculino em detrimento ao universo das mulheres, a discussão girava em torno da divisão dicotômica que associava as mulheres à esfera privada e doméstica, e os homens à esfera pública, ou seja, ao mundo político.

Essa divisão atribui uma visão de não participação das mulheres indígenas na política e em vários assuntos de seus povos, diferentes dos homens são excluídas por diversos motivos das atividades transcorridas no espaço público que são as que detêm maiores prestígio social. Quando a mulher passa a fazer parte do centro de análises, se dar ao início à visibilidade em torno da participação das mulheres como agentes sociais integradas nas diversas esferas de sua sociedade. (MONAGAS, 2006)

Neste sentido a autora também discute sobre os estudos antropológicos não só na Amazônia como no Brasil inteiro a importância da influência nos estudos de gênero que deram início em meados de 1970 e 1980, enfatizando o trabalho de diversos autores, para mostra como a categoria de gênero torna-se categoria de análises com novos questionamentos na etnologia. (p. 40)

Com ênfase das discussões de gênero que possibilita análise e indagações acerca das mulheres indígenas, que nos discutiremos a violência e discriminação no âmbito da esfera privada da mulher indígena em Roraima, este trabalho contém análise bibliográficas sobre textos que discutem gênero, violência de discriminação sofrida pelas mulheres indígenas.

As pesquisas realizadas nas comunidades como entrevistas abertas, e as viagens, as observações, norteiam nosso trabalho, as leituras, e a própria falta de discussões sobre a violência da mulher indígena em Roraima, fazem com que nos interessemos por este tema pouco discutido, além disso, produzir material para dar visibilidade ao tema é importante para suporte de novos temas de pesquisas.

## A VIOLÊNCIA E DISCRIMINAÇÃO

As estatísticas em torno dos altos índices de violência contra mulheres em todo o mundo e, mais especificamente no Brasil não deixam dúvidas quanto à necessidade de combate sistematizado que deve ser feito bem como da necessidade de mudanças de comportamento e de atitudes da população frente à violência de gênero. (MACHADO, 1998 apud SILVA, 2010).

Conforme Silva (2010) não pode-se compreender a violência contra as mulheres apenas como um ou vários atos sistematizados de agressão contra seu corpo, seja da ordem do abuso sexual, seja do espancamento, da tortura física ou psicológica. (p, 561)

Para o autor a violência que a mulher sofre está impregnada no seu dia a dia, incorporada e enraizada no imaginário social coletivo da nossa sociedade, de homens e também das mulheres, que legitimam a subordinação, do sujeito feminino ao domínio do poder masculino.

A violência contra as mulheres está velada no mascaramento e na subordinação da nossa linguagem cotidiana, no uso de expressões e de diversos jogos de linguagem, nas palavras de duplo sentido na criação de referenciais para dar conta de uma realidade que não é mais condizente com o seu papel na sociedade, também na criação de estereótipos que moldam formas singulares de preconceito e discriminação através de personagens da vida cotidiana, tais como a doméstica, a dona de casa, a mãe e a garota de programa estilo de exportação, entre tantos outros tipos cuja imagem se transformou em um objeto tão vendável quanto qualquer outro produto de consumo, com o corpo explorado através da mídia, além de servir às leis imperativas do comércio e do turismo sexual. (SILVA, 2010, p. 560).

Neste sentido o autor que em seu trabalho discute “Preconceito e discriminação: as bases da violência contra a mulher” nos dá uma visão panorâmica sobre o que pode ser violência de gênero, para ele ela pode ser entendida como uma decantação do preconceito, da discriminação e do sentido de intolerância pelos quais as mulheres veem passando nos últimos dois séculos. (p.561)

Tomando por base o levantamento de Silva à violência contra as mulheres nos anos de 1970 não tinha visibilidade no Brasil, só começa a ter quando militantes dos Direitos humanos, cientistas políticos e sociais, passam a trabalhar na denúncia e publicitação dos altos índices de violência cometidas contra as mulheres pelos homens, tais como crime de classe média e classe alta que mobilizaram a imprensa, mostrando a necessidade de punir e erradicar a violência contra as mulheres no início dos anos 70. (SILVA, 2010).

Em contrapartida das nossas discussões sobre a violência e discriminação contra as mulheres indígenas é importante compreender os estudos sobre violência no Brasil, para que possamos iniciar os resultados da nossa pesquisa voltada para o Estado de Roraima o contexto local, que nos proporciona discutir violência de gênero no contexto dos povos indígenas, no âmbito urbano e da

comunidade. O grande desafio de estudar mulheres indígenas implica considerar, sobretudo a recente organização política que começaram a desenvolver, tanto internamente e em instâncias internacionais (PINTO, 2010).

Conforme a autora Alejandra Aquilar Pinto (2010, p. 1) as mulheres indígenas no mundo apresentam diferentes contextos sociais, causados pelo uso de seus costumes, e pela influência da sociedade externa, e por ser diferente da mulher ocidental, tem uma tripla discriminação causada por sua raça e etnia, ser mulher e sua condição geral de pobreza.

Autora chama atenção para a mulher indígena que por si, se torna diferente das outras mulheres, com isso, sofre diferentes discriminações e também violência, por ser pobre e principalmente por ser indígena.

Entender a violência e discriminação contra a mulher implica compreender a participação das mulheres indígenas na política, devemos mostrar primeiramente a sua participação, que tem sido cada vez mais importante, dentro das comunidades, elas participam de discussões, tem seu próprio Movimento de Mulheres Indígenas que surgiu no Brasil a partir das décadas de 1970 e 1980.

Desde então elas vem se destacando e ganhando voz, atuando como lideranças. Assim enriquecem os debates internos do Movimento Indígena, levantando e visibilizando temas como a violência interétnica, a saúde produtiva e a participação nas decisões de políticas dos governos, entre outros temas. (VERDUM, 2008).

Segundo Ricardo Verdum (2008, p. 12) as mulheres enfrentam discriminação e violência nas relações conjugais, familiares e intra-étnicas, além de discriminação interétnica (entre “brancos” e “indígenas”). Denunciam praticas de discriminação em relação às mulheres indígenas em suas próprias comunidades tais como, casamentos forçados, praticas de doar filhas às outras famílias, violência domestica violação das meninas adolescentes.

Na América Latina especificamente no México, há um amplo debate sobre as lutas das mulheres indígenas, sobre sua participação nas lutas indígenas, às dificuldades nas suas organizações, analisando as relações entre homens e mulheres dentro das comunidades e nas suas organizações políticas, discutem ainda sobre sexualidade dentro das comunidades indígenas e sobre a valorização das mulheres indígenas.

Los últimos años han visto um interés creciente sobre la situación de la mujer em el panorama mundial y em el contexto específico de cada país. Su análisis há ocupado tribunas internacionales, seminários y programas de cooperación, reclamando uma igualdad de oportunidades y participación que ya ninguna nación de América Latina desconoce em cuanto a los principios, pero que si embargo, toda via está lejos em la realidad. (D' EMILIO, p. 18)

Trazendo a discussão para a violência e a discriminação que a mulher indígena sofre em Roraima dentro das comunidades e na cidade (Boa Vista) mostraremos o desrespeito que essas mulheres vivenciam e que tem sido um das problemáticas discutidas pelas organizações das mulheres, o que tem gerado repercussões a nível nacional e internacional.

A violência dentro das comunidades indígenas cometida contra as mulheres tem sido na maioria das vezes uma violência silenciosa, que ocorre dentro da família, a chamada violência doméstica, que tem acontecido frequentemente devido a vários fatores, como a venda de bebidas alcoólicas dentro das comunidades, embora saibam que é proibido.

Na entrevista com a tuxaua da comunidade Manóá, T.I. Manoá-Pium, ela nos explicava que esse tem sido um dos problemas que as mulheres indígenas da comunidade têm enfrentado, sofrem agressões de seus companheiros quando estão bêbados. Mas não é por venda de bebidas em áreas indígenas que as mulheres têm sofrido agressões físicas, até por que dentro das comunidades temos as bebidas tradicionais, como o Caxiri e Pajuaru, que, quando fermentados, fazem com que as pessoas fiquem embriagadas, na maioria dos casos os homens, que por sua vez causam violência machucando suas mulheres e até mesmo seus próprios filhos.

A mulher muitas vezes não tem como se defender, porque dentro das comunidades não tem como denunciar tal abuso, pois não tem postos policiais nas comunidades, conforme afirma o autor: “as mulheres indígenas tem pouca oportunidade denunciar estes abusos ante a lei, e quando o fazem sofrem incompreensões fortes no seu meio familiar e comunitário” (VERDUM, 2008, p. 12).

Quando o autor menciona as incompreensões no meio familiar, diz a respeito das atitudes dos familiares das mulheres indígenas, como por exemplo: não denunciar, aceitar o ocorrido, porque se ela denunciar, ou até mesmo deixar seu esposo não vai ter quem a ajude ou a sustente.

A maioria dos crimes cometidos contra as mulheres indígenas dentro da comunidade em relação à violência doméstica tem sido relacionada com o uso do álcool, como afirma Wiecko (2008): “a maioria dos depoimentos na audiência pública evidenciaram que o maior problema era a violência contra as mulheres indígenas, praticadas por não índios e por índios, este em geral em contexto de abuso de álcool” (p. 25).

Essa afirmação é parte de uma pesquisa feita pelo Ministério Público Federal (MPF) sobre os procedimentos administrativos da apuração sobre violência praticada na Reserva indígena de Dourados (MS), mas não é destacado o tema nos registros, que por vez se torna invisível e não chega à procuradoria e nem às delegacias, diz Castilho (2008).

Existem muitas questões a serem discutidas sobre a violência, principalmente nas relações de gêneros, pois as mulheres sofrem maus tratos, apanham dos homens quando bebem, mas elas têm buscado participação nas ações das lideranças e direito de expressão. Drogas e bebidas incapacitam os homens para o trabalho, levando as mulheres a pescar ou até a caçar, isso inverte o



papel tradicional assinalado aos homens. Isso nos mostra o estudo feito pela antropóloga Jacira Bulhões, da procuradoria da República no estado do Mato Grosso, que identificou esses problemas no III Encontro das Mulheres em Mato Grosso (CASTILHO, 2008, p. 24).

Na pesquisa de campo realizada em Jan/ Fev de 2012 na comunidade Manóia/ Bonfim entre os dias 31 a 04 de fevereiro, juntamente com os Bolsistas do grupo PET/ Intercultural e alunos da Licenciatura Intercultural do Instituto Insikiran, nos deram dados significativos, sobre violência doméstica, a importância da mulher na comunidade, visão da adolescente, tuxaua e de uma senhora idosa da comunidade sobre como a mulher é vista.

As entrevistas realizadas na comunidade contêm perguntas relacionadas, a importância da mulher indígena, violência e discriminação, trabalho da mulher, e saúde, como se fosse um diagnóstico da mulher indígena na comunidade. O primeiro passo a ser feito como pesquisadora/ bolsista foi reconhecer o local de pesquisa ou educar o olhar como nos diz Roberto Cardoso de Oliveira em seu texto “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, e escrever”.

Talvez a primeira experiência do pesquisador de campo- ou no campo- esteja na domesticação teórica do olhar. Isso porque, a partir do momento em que nos sentimos preparados para investigação empírica, o objeto, sobre o qual dirigimos o nosso olhar, já foi previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo. Seja qual for esse objeto ele não escapa de ser apreendido pelo esquema conceitual da disciplina formadora da nossa maneira de ver a realidade. (OLIVEIRA; 2008, p. 19).

Durante quatro dias observei a divisão do trabalho das mulheres, em que atividades estavam inseridas e quais papéis exerciam na família. As mulheres da comunidade estavam nas atividades rotineiras os fazeres de casa e algumas atividades na roça, de fazer caxiri, beiju e farinha. Ressalto entre o mês de janeiro e fevereiro é a época dos plantios e de colheita e da derruba de mata para novas roças.

Os homens da comunidade segundo algumas mulheres e como pude perceber através da observação estavam na derruba das roças que ficava distante da comunidade, alguns estavam na atividade de pesca. Outros alunos/ pesquisadores puderam ir até a derruba de roça, e acompanhar as atividades dos homens, conforme o projeto elaborado cada pesquisador seguia sua linha e fazia suas observações por isso não acompanhei esse grupo, fiquei na comunidade e fui a algumas casas onde as mulheres realizavam suas atividades.

Visitei uma “casa de farinha” local onde as mulheres usam para fazer a farinha de mandioca, fazer beiju entre outros alimentos da cultura indígena, o número de mulheres era predominante, enquanto uma raspava a mandioca acompanhada de umas crianças que já sabiam raspar a outras estavam lavando e colocando no motor para triturar e fazer a maça, depois peneirar e assim com a massa pronta para fazer a farinha, a outra senhora estava mexendo a farinha que já estava no forno.

Na sociedade indígena tradicional, o âmbito doméstico goza de mais prestígio e autonomia que na sociedade moderna, e que ali se deliberam e encaminham decisões específicas e particulares que afetam a reprodução da vida não somente doméstica, mas também do grupo como um todo. Nesse sentido, o que acontece no espaço doméstico é também político e tem impacto na vida da comunidade. Poder-se-ia dizer que o público e o doméstico são ambos políticos ou, melhor, que a política atravessa os dois, faz-se nos dois. Por isso, é mais interessante e produtivo falarmos não somente em esfera doméstica e esfera pública, mas também em espaço doméstico e espaço público. (SEGATO, 2002 p. 17).

Conforme a citação de Segato (2002) sabe-se que o que estávamos observando o âmbito doméstico que afeta o âmbito público e privado das sociedades indígenas, que nos permite ainda perceber as mulheres na esfera familiar a sua importância na produção de alimentos, e no cuidado dos filhos. Quanto à violência contra as mulheres na comunidade pude perceber nas entrevistas e na conversa com dona Arlinda, pude constatar que as mulheres são agredidas sim na comunidade.

As mulheres em alguns casos como podemos constatar nas entrevistas vítimas da bebida alcoólica, apanham e continuam caladas, agredidas não podem denunciar porque na comunidade não há polícia, segundo a tuxaua da comunidade isso não tem acontecido muito, mas antes da demarcação da Terra Indígena acontecia frequentemente. “As mulheres indígenas são vítimas constantes de violência. Os casos mais comuns são especialmente de agressões físicas em situação de embriaguez do companheiro ou outras pessoas da família”. (FREITAS, 2008, p. 52).

É importante ressaltar que as indígenas de Roraima através da Organização das Mulheres Indígenas de Roraima (OMIR) tem comunicado ao MPF nas cartas de suas assembleias denúncias sobre as violências que seus companheiros, pais ou filhos cometem contra elas devido o uso e consumo de bebidas alcoólicas, reivindicando o fim da venda de bebidas nas comunidades. (CATILHO; 2008)

No contexto das mulheres indígenas, a falta de informação sobre a Lei Maria da Penha apresenta-se como uma realidade ou, quando não, as informações são repassadas de forma distorcida. Por exemplo, tem amedrontando bastante as mulheres indígenas a informação de que, caso façam a denúncia de que foram vítimas de violência, serão tiradas das suas casas, das suas terras, dos seus territórios de convívio e levadas para as tais casas de abrigo, fora do seu lar. (SOUZA E SILVA; KAXUYANA, 2008, p.34).

Para Freitas (2008) que discute “Mulheres indígenas e a luta por direitos na Região Sul” as mulheres indígenas tem cada vez reivindicado seus direitos e ocupado diferentes espaços de relevâncias social e política no cenário nacional. Para a autora o apoio das instituições

governamentais e não governamentais são de fundamental importância para o avanço da luta e garantia e da efetivação dos seus direitos.

Na Região Sul, as mulheres indígenas têm participado de reuniões de planejamento com órgãos governamentais e sua contribuição nas discussões, quando da definição de prioridade, principalmente no que se refere na agricultura familiar, tem sido no sentido da ampliação do apoio da produção diversificada de alimentos, que às vezes contraria a vontade dos homens, que quase sempre tende a investir na monocultura. Solicitam ainda incentivos à produção e comercialização do artesanato; construção e infra-estrutura para funcionamento de padarias; cursos de costura; capacitação para as associações comunitárias; além de outras reivindicações referentes à realidade local. (FREITAS, 2008, p. 48).

Nas entrevistas realizadas com mulheres indígenas da comunidade pesquisada Manóia/Bonfim- RR elas tem realizado atividades semelhante às mulheres no Sul, mais com pouco sucesso, como por exemplo, participação nas reuniões trabalha em conjunto com os homens, produção de artesanatos, corte costura, e associação comunitária como no caso da produção de farinha.

Mas segundo as próprias mulheres indígenas da comunidade a produção de artesanatos não tem sido realizada coletivamente, e o corte costura não funciona, porque a casa onde guardavam as máquinas de costura estava em má condição e a casa caiu, a outra casa que foi construída para o corte costura foi cedida para equipe médica que realizava trabalho na comunidade e as mulheres não puderam realizar as atividades.

## CONCLUSÕES

As mulheres indígenas passam por várias dificuldades no âmbito privado e público, isso é vigente tanto nas entrevistas como nas leituras dos textos que discutem mulheres indígenas. É importante destacar que as mulheres indígenas não só são vítimas, elas têm lutado pelo direito a autonomia ao longo das décadas, tem se tornado protagonista e traçado seus próprios caminhos, conquistando seu espaço social e valores culturais.

As instituições governamentais e não governamentais tem ajudado, na luta contra a violência que afetam as mulheres indígenas na comunidade, além disso, existem estudos voltados para a inserção da Lei Maria da Penha nas comunidades, devidos vários casos e denúncias feitas ao ministério público federal (MPF), um exemplo disso tem sido os estudos de Kaxuyana Souza e Silva (2008) que discute “A Lei Maria da Penha e as mulheres indígenas”.

De acordo com as observações de campo podemos dizer que essas políticas de valorização das mulheres indígenas têm afetado as mulheres indígenas de Roraima, porque na comunidade

pesquisada a liderança era uma mulher dona Demilza Trindade, já tinha quatro meses de sua gestão segundo ela no começo teve medo de não conseguir administrar a comunidade, mas que enfrentou as dificuldades e luta para melhoria de seu povo. A senhora Arlinda a qual fiz entrevista com ela também era uma liderança feminina tinha o cargo de (capataz) tipo de administradora na comunidade, já participou da OMIR (Organização das Mulheres Indígenas de Roraima).

A OMIR organização que atua desde 1990 oficializada na 1º Assembleia Geral das Mulheres Indígenas de Roraima, ocorrida em 28 a 30 de novembro de 1999 na maloca Três Corações na região do Amajari tem sido uma das grandes parceiras das mulheres indígenas em conjunto na luta contra a violência contra as mulheres.

Como já mostrado anteriormente as mulheres tem conquistado espaços na política na esfera pública, a importância dessa atuação para os povos indígenas tem sido de grande ajuda, principalmente para o reconhecimento dos direitos da mulher.

Nas pautas das reuniões sempre podemos ver suas reivindicações, elaboração de cartilhas que trata dos problemas ocasionados a bebidas alcoólicas, realização de seminário sobre alcoolismo entre 22 e 23 de fevereiro de 2002 na região do Amajari, participação em seminários no âmbito regional e nacional. (EL- HUSNY, 2003).

## REFERÊNCIAS

EL- HUSNY, M. D. Lourdes. Mulheres Macuxi uma identidade política (1986- 2002) Dissertação (Mestrado) apresentada no programa de Pós- Graduação em História Social da UFRJ, 2003.

D' EMILIO, Anna Lucía. La mujer indígena e su educación. Mujer indígena y educación em América Latina

GARCIA, Malena Rodríguez. Las mujeres em las luchas de los pueblos indígenas, complementariedade y dualidade: Herencia y horizonte de las mujeres de los pueblos indígenas. (Org) Gutiérrez, Raquel; Escárzaga, Fabiola: Movimiento indígena em América Latina: resistencia y proyecto alternativo. Vol II, (p. 331- 338). México, 2006.

ÍNDIOS DE RORAIMA. Makuxi, Tarepang, Ingaricó, Wapixana. Coleção histórica- antropológico Nº 1. Centro de informação Diocese de Roraima.

MONAGAS, Angêla Célia Sacchi. União, luta, liberdade e resistência: as organizações de mulheres indígenas da Amazônia Brasileira. Tese (Doutorado)- apresentada ao programa de Pós- Graduação em Antropologia pela UFPE, 2006.

OLIVEIRA, Gomes Reginaldo. Projeto Kuwai Kîrî: a experiência amazônica dos Índios urbanos de Boa Vista. Boa Vista: Editora da UFRR, 2010.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. “O trabalho do antropólogo: olhar ouvir, e escrever” 3ª Edição. Brasília: Paralelo; São Paulo: Editora Unesp, 2006.

PINTO, Alejandra Aguillar. Reinventando o feminismo: As mulheres indígenas e suas demandas de gênero. Fazendo Gênero 9, Diáspora, Diversidade e Deslocamento. 23 a 26 de Agosto; 2010.

SIMONIAN, Lígia T.L; Mulheres Indígenas Roraimenses: Organização política, impasses e perspectivas. In. ALVES, Cláudia Lima Esteves (Org) Formação do espaço amazônico e relações fronteiriças. Boa Vista- RR, CCSG/ UFRR; 1998.

SILVA, Sergio Gomes d. Preconceito e Discriminação: As Bases da Violência Contra a Mulher. Psicologia, Ciência e profissão 2010, 30 (3), 556-571. UFRJ.

SOUZA, Eliandro; REPETTO, Maxim. Diagnostico da situação dos indígenas na cidade de Boa Vista. Boa Vista: Gráfica Ióris, 2007.

VERDUM, Ricardo (Organizador) Mulheres Indígenas, Direitos e Políticas Públicas. Brasília: Inesc, 2008.

WIECKO, Ela [et al]. A Violência Doméstica contra a Mulher Indígena no âmbito dos Povos Indígenas: qual lei aplicar?. In. VERDUM, Ricardo (Organizador) Mulheres Indígenas, Direitos e Políticas Públicas. Brasília: Inesc, 2008.

## Anexo I

### ENTREVISTAS

Nome: Arlinda

Profissão: capataz

Povo: Macuxi

Idade: 59 anos

1. Como você vê a situação da mulher indígena dentro da comunidade? R: eu vejo assim que tem as comunidades que as mulheres estão bem, as outras estão, as vezes elas sofrem assim: marido bebe, aí vai espancar mulher e elas não contam, apanha do marido mais não denúncia.
2. Quais são as perspectivas das mulheres dentro da comunidade? R: que as mulheres devem se reunir.
3. Por ser uma liderança feminina já sofreu preconceito? R: não, nunca sofreu.
4. Você já participou de algum movimento ou Organização de mulheres aqui no estado de Roraima? R: já. Que organização? R: a OMIR, sobre trabalhos.
5. Que tipo de atividades as mulheres desenvolvem dentro da comunidade? Corte de costura, vão pra roça, fazem rede. Mais ninguém fez mais, porque a casa caiu de depois nós tinha outra casa, mais a tuxaua cedeu para os médicos que vinham pra cá a acabamos ficando sem casa as máquinas de corte costura ficaram espalhada por aí.
6. E como a senhora vê a importância da mulher no trabalho? Trabalham em conjunto com os homens? Há elas vão pra roça, faz farinha, tem uns homens que ajudam colocam lenha pra fazer farinha, ajudam a plantar outros não, pode a mulher trabalhando mais nem ligam.
7. Pra senhora quais doenças que afetam mais as mulheres na comunidade? As doenças venéreas.

A dona Arlinda não soube responder outras perguntas.

## Anexo II

Nome: Demilza Trindade

Profissão: Professora e Tuxaua

Povo: Macuxi

Idade: 44 anos

1. Como você vê a situação da mulher indígena dentro da comunidade? Pelo que agente ver a mulher por ser mulher vem sendo discriminada, a gente sofre nessa parte aí, eu como tô vendo na minha gestão né, antes não via falar da mulher nas outras gestão de tuxauas, mais na minha gestão se der tudo certo vamos voltar a dar voz a mulher.
2. Quais são as perspectiva das mulheres dentro da comunidade? R: Vejo futuramente a mulher, não as senhoras de idade mais as jovens participando das reuniões, liderando, futuramente serão líder aqui elas que já vão poder comandar, porque a mulher não por ela ser frágil que não é capaz, ela é sim, também pode ser uma grande pessoa.
3. Por ser uma liderança feminina já sofreu preconceito? R: Não vejo isso como um problema, não sofri, vejo isso como um progresso paras as mulheres, eu como liderança claro que existe sim preconceito, no inicio da minha gestão eu sofri um pouquinho mais eu disse vou superar tudo que vier é muitas barreiras. Quando fui eleita como mulher tuxaua teve alguns machista e que eu não era capaz , mas mostrei que era diferente que eu não era como eles pensavam , não vejo o lado das mulheres vejo também o lado dos homens, tenho certeza que todos podem trabalhar juntos , homens e mulheres e eu tô gostando do trabalho que estou liderando.
4. Que tipo de trabalho as mulheres desenvolvem dentro da comunidade? Ela desenvolviam um trabalho muito bonito que era o corte costura, mais hoje não fazem mais por que a casa onde elas costuravam caiu, elas são importante para o desenvolvimento da cultura porque



também fazem artesanatos, não mais no coletivo mais agora individualmente, por causa que não temos lugar para desenvolver, a casa caiu e isso tem dificultado bastante.

5. Qual o papel da mulher na família? Vejo o papel da mulher como algo muito importante, a mulher também não é valorizada na família, às vezes elas sofrem varias agressões são quando o marido desvaloriza a mulher, se ela não existisse o homem não estaria aqui, porque a mulher é cuida de tudo ela que une se não fosse por ela a família não existiria a família seria abandonada.
  
6. E já ouve algum caso de abandono de família? Já sim, já houve caso isso que quero colocar, ano passado houve muito caso disso separação de família e as crianças sofrendo as consequências, eu não digo essas mães que vão de uma vez que morrem e as crianças ficam isso a gente entende nessa parte podemos ajudar o pai porque ele ficou sendo pai e mãe ao mesmo tempo, tem acontecido bastante a morte de mãe, como posso dizer sou mãe de treze filhos, fui mãe três vezes, dos meus biológicos e crio também meninos órfão de pai e de mãe. Então o papel da mulher é muito importante até demais.
  
7. A senhora citou que já houve casos de morte, o que levou essas mulheres a morrer foram às doenças? Ou caso de violência domestica? Sempre tem acontecido na parte da doença, na parte da saúde da mulher sobre o câncer, a mulher tá com câncer parece que ela se entrega totalmente a doença com dois três meses elas morrem, acabam deixando as crianças órfãs, isso tem afetado bastante a comunidade, já os outros que separam é outra coisa um problema diferente.
  
8. Quais são as doenças que afetam mais as mulheres? Há câncer como eu já disse, o diabetes, já morreu uma mãe com essa doença, isso tem se agravado aqui, desde que teve o programa bolsa família do governo federal, tem aumentado as infecções e doenças porque as mãe estavam tento filho um atrás do outro visando já o salario, esses casos de as mulheres não sarar causou várias mulheres.

9. Como à senhora vê as adolescentes? Quais problemas enfrentam? Sobre as meninas tem acontecido bastante à gravidez precoce principalmente com as alunas daqui, esse é um problema que acontece acho que em todas as comunidades, vamos colocar assim com um problema mundial, mais para parar um pouco isso temos feitos, reuniões, palestras, a gente de saúde nos buscamos.
10. E sobre as atividades delas? Nada assim, além de ajudar os pais em casa e estudar.
11. E a violência tem sido um problema na comunidade? Sim isso tem gerado problema sim, e esta gerando sim e principalmente nas comunidades indígenas, porque aqui é uma área indígena e mesmo assim ainda tem casos de violência, antes entravam marreteiros traziam bebidas e vendiam aqui, embriagava os índios, as meninas e acontecia casos de gravidez, as mulheres sofriam porque quando elas ficavam bêbadas eles tinham relações sexuais com elas, também tem casos de esposas sendo espancada, sido colocada fora de casa, tem acontecido essas coisas. Mais já faz três meses que estou aqui na minha gestão ainda não vejo essas coisas acontecendo principalmente na festa que fizemos a “festa da farinha” as pessoas mesmo fiscalizam umas as outras para que não tenha agressão aqui.
12. Quem participa da festa da farinha como ela é organizada? As mulheres e homens trabalham juntos? A festa da farinha vem sendo desenvolvida tanto por homens quanto por mulheres né.
13. O que as mulheres fazem? Ah elas ficam na parte da organização da festa da farinha, estão também na parte da agricultura, plantando, colhendo, na verdade elas trabalham coletivamente com a comunidade como um todo.

### Anexo III

Nome: Tassiara de Souza Ferreira

Profissão: Estudante

Idade: 13 anos

Povo: Wapichana

- 1- Como você vê a situação da mulher indígena dentro da comunidade? Vejo que elas trabalham muito na roça, fazendo caxiri, e muitas outras coisas da cultura indígena

- 2- Como você vê a tuxaua? Vejo que ela trabalha muito, não só por ser tuxaua mais por ser membro da comunidade e fazer outras coisas. Gosto muito do trabalho dela.
- 3- Você acha ela sofre preconceito por ser mulher e liderança feminina? Sim, ela sofre. Você já viu algum caso? Não (risos)
- 4- Você como adolescente que atividade desenvolve? A gente faz várias brincadeiras, porque sabemos que tem gente que usa droga, e para não deixar que isso aconteça brincamos e espero que tenha um projeto da comunidade voltado pra nós.
- 5- Quais problemas enfrentam as adolescentes? Há elas engravidam muito cedo, as meninas com 13 anos já estão grávidas chega nos 16 já estão com uns três filhos todos sem pai muitas vezes até abandonam a criança ou são para avó criar e vão embora. As vezes os pais deixam mesmo em casa.